

Um olhar educativo: “Algumas notas sobre conscientização” de Paulo Freire

Paulo Roberto Palhano Silva¹

Resumo. O presente artigo tem como objeto lançar um olhar sobre “Algumas notas sobre conscientização” de Paulo Freire, fazendo uma leitura objetivando compreendê-lo em suas nuances. O escrito do autor foi incluso em sua obra clássica ‘Ação Cultural para a liberdade’ trazendo diversas categorias teóricas, a exemplo do ‘diálogo’, da ‘conscientização’, que são delicadamente analisadas pelo autor em sua obra prima, inclusive procurando fazer esse exercício a partir de sua prática educadora. O educador nascido no nordeste do Brasil revolucionou a educação, tornando-se inicialmente conhecido pelo método de alfabetização de jovens e adultos, e de forma especial, pela sua prática educativa e vasta obra no campo educacional. Para tal, tomamos o texto na sua íntegra e fomos analisando passo a passo, oportunizando ao leitor uma agradável leitura crítica, escrito e apresentado pelo autor quando estava trabalhando em Genebra – Suíça².

Palavras-chave. Educação. Conscientização. Campo Educacional.

O estabelecimento do ‘diálogo buscando conscientização’ é algo primordial em toda a obra Paulo Freire. Pela sua relevância, fazemos uma leitura do artigo intitulado “Algumas notas sobre conscientização”, escritas e apresentadas por esse teórico da educação quando esteve no Conselho de Igrejas em Genebra, 1974³, cujo texto encontra-se incluso na obra Ação Cultural para a liberdade e outros escritos (FREIRE, 1976).

¹ Professor Doutor em Educação pela UFRN. Atualmente, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Etinia e Economia Solidária - GEPEES, sendo professor do Departamento de Educação - IV CCAE - Universidade Federal da Paraíba.

² O texto ‘Algumas notas sobre conscientização’ é de autoria de Paulo Freire datado e apresentado em 1974 em Genebra na Suíça, porém publicado pela primeira vez por RISK, W: C.C., Genebra em 1975 e incorporado pelo autor em sua obra Ação Cultural para a liberdade publicada a primeira edição em 1976.

³ Apenas a título de registro: Freire, sediado em Genebra, trabalhando como consultor educacional no Conselho Mundial de Igrejas, também teve destacada atuação como consultor no processo de reforma educacional instalado pelo governo revolucionário que ocorreu nas colônias portuguesas na África, especialmente na Guiné-Bissau e Moçambique - África. Em ‘Cartas a Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo’, Freire (1977) explicita o processo educativo desenvolvido no chão africano na formação de militantes revolucionário e nas escolas populares e círculos de cultura. O curioso essa obra é composta por ‘cartas’ enviadas a Equipe do Instituto de Ação Cultural – IDAC e a Mário Cabral - Guiné-Bissau.

1 Diálogo no encontro dos sujeitos

Uma primeira reflexão indicada é quanto à categoria ‘diálogo’. Manifesta que não se pode confundir pergunta e resposta com diálogo. Explicita que o diálogo não é “um perguntar por perguntar, um responder por responder, um contentar-se por tocar a periferia, apenas, do objeto de nossa curiosidade, ou um que fazer sem programa”. (FREIRE, 1976, p.116). O diálogo está para além da pergunta e da resposta.

Para Freire o diálogo acontece entre um ato ‘cognoscitivo’ e ‘cognoscível’, no qual os sujeitos conseguem realizar o desvelamento crítico da realidade. “A relação dialógica é o selo do ato cognoscitivo, em que o objeto cognoscível, mediatizando os sujeitos cognoscentes, se entrega a seu desvelamento crítico” (FREIRE, 1976, p.116).

A importância de uma tal compreensão da relação dialógica se faz clara na medida em que tornamos o ciclo gnosiológico como uma totalidade, sem dicotomizar nele a fase da aquisição do conhecimento existente da fase da descoberta, da criação do novo conhecimento (FREIRE, 1976, p.116).

Os sujeitos, no encontro, conseguem realizar juntos a descoberta do que até então era uma pergunta, ou era algo não conhecido. Para Freire os sujeitos que rompem com a relação dialógica, estão fadados a praticarem um ato “digestivo”, ou seja, em “fases do ciclo gnosiológico se impõe uma postura crítica, curiosa, aos sujeitos cognoscentes, em face do objeto de seu conhecimento”.

Na medida em que for rompida a relação dialógica então “se instaura um processo de pura transferência de conhecimento, em que conhecer deixa de ser um ato criador e recriador para ser um ato “digestivo” (FREIRE, 1976, p.116). A dialogicidade é estabelecida quando um sujeito fala e o outro escuta e o que escutou fala. Ambos, após o diálogo, já não são os mesmos, pois são seres transformados pelo ato do diálogo. O estabelecimento do diálogo é a premissa básica para que os sujeitos se conheçam, se ajudem. O diálogo é ato amoroso⁴.

⁴ “O diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação”. Singularmente, Freire explicita o diálogo como um ato amoroso. (FREIRE, 1987, p. 45).

É interessante, porque Paulo Freire vai fazer-se a pergunta, sobre o significado da palavra conscientização, cuja origem é consciência. Uma pergunta sobre si, sobre sua prática, sobre suas idéias. E, ao longo dessa nota, Freire explicita e responde a sua própria indagação, fazendo um verdadeiro movimento dialógico. A partir dessa lógica, o ser educativo, é um ser ruminante, um ser pensante.

2 Conscientização e a transformação da realidade

Uma primeira chave para a leitura da ‘conscientização’ encontra-se diretamente vinculada a compreensão que os sujeitos possuem em suas relações com o mundo. Nesse caso específico a transformação da realidade se dá pela transformação da consciência construída no exercício entre os sujeitos na ação no mundo. O mundo que passa a ser lido pelos sujeitos. Mas, para tal, os sujeitos realizam um ato de comunhão⁵.

Uma segunda chave para a leitura da consciência é: “Toda consciência é sempre consciência de algo, a que se intenciona.” E, debulha o significado da consciência: “A consciência de si dos seres humanos, implica na consciência das coisas, da realidade concreta em que se acham como seres históricos e que eles aprendem através de sua habilidade cognoscitiva” (FREIRE, 1976, p. 117).

Explica Freire que o ato de conhecer se for autêntico certamente implicará no desvelamento do objeto. Ou seja, não há dicotomia entre objetividade e subjetividade, ação e reflexão, prática e teoria. O objeto precisa ser desvelado, conhecido, percebido, o que não acontece num simples piscar de olhos. É preciso o exercício do trabalho intelectual.

A conscientização vai brotar desse processo reflexivo de desvelamento da realidade social, real, onde os sujeitos se encontram de forma lúcida com o ‘devenir’. O ‘devenir’ para Freire é “na prática do desvelamento da realidade social, no processo conscientizador, que a realidade seja apreendida não como algo que é, mas como devenir, como algo que está sendo” (FREIRE, 1976, p. 117). O devenir é assim algo que vem porque há uma luta para obtê-lo.

⁵ “Ninguém liberta ninguém, ninguém liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Para Freire a comunhão esse é um ato cultural libertador (FREIRE, 1978, p.29)

Para Freire tanto não há ‘conscientização sem desvelamento da realidade objetiva’, como o ‘ciclo gnosiológico não termina na etapa da aquisição do conhecimento existente’, e justifica que haja o estabelecimento do conhecimento se faz necessária a ‘conscientização’ que não pode parar na etapa do desvelamento da realidade.

Na medida em que o sujeito se conscientiza ocorre a transformação. Uma transformação que se opera dentro dele (na sua construção mental) e pelas suas ações no mundo (pelas ações do seu corpo). “A sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática a transformação” (FREIRE, 1976, p. 117).

Uma espécie de autocrítica, Freire assume ao tecer sobre “Uma Educação como Prática da Liberdade” sem promover as articulações como algo dialético e chega a manifestar:

O meu equívoco não estava, obviamente, em reconhecer a fundamental importância do conhecimento da realidade no processo de sua transformação. O meu equívoco consistiu em não ter tomado estes pólos – conhecimento da realidade e transformação da realidade – em sua dialeticidade (FREIRE, 1976, p.118).

3 Conhecimento e realidade

O conhecimento como algo que é praticado e conquistado pelo sujeito. E a realidade como algo que é vivida na medida em que o sujeito a conhece. Nesse processo umbilical o sujeito amplia seus horizontes com o ato de conhecer, ao mesmo tempo, que consegue mudar a condição de não conhecedor. Nesse movimento temos um movimento do conhecer o desconhecido que se torna conhecido. O objeto fica desnudado pela ação dialética do sujeito⁶.

Era como se desvelar a realidade já significasse a sua transformação. E, não se contentando em aplicar a explicação, Freire lança seu olhar para sua trajetória e

⁶ A dialética se realiza pela práxis educativa realizada pelo indivíduo. Quanto o indivíduo reconhece a sua condição no mundo e sua condição de agente com capacidade de compreender e criar no mundo. Ele reconhece o movimento das contradições, razões e condições materiais do mundo. E, esse movimento acontece no estabelecimento do diálogo e da vivência da ação-reflexão-ação.

explicita a dicotomia se fez presente em suas obras.

A primeira:

Diga-se de passagem que, em *Pedagogia do Oprimido* e em *Cultural Action for Freedom* já não é esta a posição que tomo em face do problema da conscientização. A práxis que medeia estes dois livros daquele me ensinou a ver o que antes não me havia sido possível ver. Mas é sobretudo em textos mais novos – entrevistas ou pequenos ensaios como *Education, Liberation and the Church* –, que resultam de minha experiência mais recente, que a abordagem deste problema toma uma feição distinta da que se encontra em *Educação como Prática da Liberdade* (FREIRE, 1976, 118).

E a segunda:

O mesmo equívoco em que caí, no começo de minhas atividades, venho surpreendendo, na minha experiência atual, às vezes mais acentuado, em pedagogos que não veem as dimensões e implicações políticas de sua prática pedagógica. Daí que falem em uma “conscientização estritamente pedagógica”, diferente daquela a ser desenvolvida por políticos. Uma conscientização que se daria na intimidade de seus seminários, mais ou menos asséptica, que não teria nada que ver com nenhum compromisso de ordem política (FREIRE, 1976, 118).

Educação como Prática da Liberdade, é eleita por Freire, como a abordagem que ampliou sua prática, sua visão sobre o mundo, pois consegue avançar na reflexão que indica a perspectiva da liberdade. Manifesta que a prática pedagógica implica numa prática política.

A dicotomia produz realidades distintas quando na prática são efetivamente imbricadas, mas quando essas passam a ser atos do pensamento, então as torna separadas. E nesse sentido, exemplifica: “separação entre educação e política”. Daí, manifestar o andarilho da educação que a educação de um povo é algo produzido. É, por tanto, algo que possui tanto quem a produziu, como, uma base material que lhe deixa acontecer.

4 Prática educativa

Freire enumera um conjunto de consequências para as práticas educativas⁷ que

⁷ PALHANO SILVA (2004) a prática educativa se efetiva pela incorporação e externalização da ação, onde o sujeito realiza o ato reflexo, podendo gerar um *habitus*.

são materializadas desgarradas da realidade concreta. A primeira consequência reside em “reduzi-la a um mundo de valores e ideais abstratos, que o pedagogo constrói no interior de sua consciência, sem sequer perceber os condicionamentos que o fazem pensar assim”; A segunda consequência consiste em “converte-la num repertório de técnicas comportamentais”; A terceira consequência, pode repousar em “tomar a educação como alavanca da transformação da realidade” (FREIRE, 1976, 118).

Para Freire, educação e poder fazem parte da mesma moeda. Pois, “não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam”. Assim, aplicando a dialética, Freire menciona que “a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o Poder” (FREIRE, 1976, p.118).

Freire vai criticar aqueles que fazem análise mecânica da transformação da realidade, para o qual “A concepção da educação como alavanca da transformação da realidade resulta, em parte, da apreensão incompleta do ciclo acima referido”. Para esses, manifesta o autor, “a educação funciona como instrumento de preservação” (FREIRE, 1976, p.118).

O poder tem força e formas para manipular a educação visando seus interesses. Daí ser praticamente impossível a transformação da sociedade via educação, diz Freire. “Por isto é que a transformação radical e profunda da educação, como sistema, só se dá – e mesmo assim não de forma automática e mecânica – quando a sociedade é transformada radicalmente também” (FREIRE, 1976, p. 118). Assim, quando acontece a transformação da sociedade, acontece a transformação da educação. Ou seja, a educação não é algo isolado, separado da sociedade. A educação é inerente a sociedade.

Mas, o educador que deseja realizar práticas visando a transformação da realidade pode e deve fazer, manifesta Freire. Na medida em que realiza esse tipo de prática, o educador expõe o seu compromisso e se compromete com “a transformação radical ou revolucionária de sua sociedade, não tenha o que fazer” (FREIRE, 1976, p. 118). Mas, irá descobrir que “como fazê-lo nas condições concretas históricas em que se acha”. A ação transformadora deve acontecer no interior da sociedade (FREIRE, 1976, p. 118).

Freire chama a atenção para que a ação do educador seja realizada de maneira consciente e bem delimitada evitando que na sua prática aconteça tanto o que chamou de “pessimismo aniquilante” e “oportunismo cínico”. Vejamos: “É preciso, porém, que reconheça, lucidamente, suas limitações e, aceitando-as com humildade, evite cair, de um lado, num pessimismo aniquilante, de outro, num oportunismo cínico” (FREIRE, 1976, p.119).

Outro aspecto que considera fundamental na perspectiva do engajamento do educador, diz respeito que esse sujeito possa realizar a sua prática circunscrita ao ambiente historicamente possível. Dizendo da mesma maneira, seja viável a sua aplicada a sociedade a qual pertence. O esforço é válido, mesmo que não seja um ato de transformação revolucionária. Na verdade, a prática precisa ser compreendida pelo sujeito que a realiza. E, ser compreendida significa que esse sujeito tenha consciência que deve realizar em bases sólidas e reais. A prática deve ser efetivada em seu tempo natural, onde os investimentos são plausíveis e direcionados ou não operar as transformações radicais. Nesse ponto, percebe-se que Freire valoriza o ato educativo que é efetivado na sociedade, pois possui em si a coerência de ser ‘historicamente plausível’ a sua operacionalidade e sendo ato pensado por quem o fez (FREIRE, 1976, p.119).

O fato, por exemplo, de que determinadas circunstâncias históricas em que se encontra o educador não lhe permitam participar, mais ativamente, deste ou daquele aspecto constitutivo do processo de transformação revolucionária de sua sociedade, não invalida um esforço menor, em que esteja engajado, desde que este seja o esforço que, lhe é historicamente viável (FREIRE, 1976, p. 119).

Freire chama a atenção para o fato que na história se faz o que historicamente é possível e não o que se gostaria de fazer. Daí a necessidade da compreensão cada vez mais lúcida de sua tarefa, que é política, das limitações que tem, para que possa enfrentar, tanto quanto possível, exitosamente, aquela oscilação referida, entre a tentação do pessimismo e a do oportunismo.

Na medida em que executa uma prática sem ter uma avaliação correta do que fazer, descolada historicamente, o educador enfrenta um ‘existencial difícil’, pois fica no limbo entre ter a dimensão de sua ação frente a realidade ou ficar ausente sem

apropriar-se de sua significação exata.

Por motivos diversos, entre eles a própria falta de clareza com relação à sua tarefa, aproxima-se da conscientização como quem continua ouvindo falar dela e não como quem se apropria de sua significação exata. Desta forma, magiciza o processo de conscientização, emprestando-lhe poderes que realmente não tem (FREIRE, 1976, p. 119).

Assim, na medida em que o educador percebe que sua prática foi idealizada, descolada da realidade, sem ser desenvolvida a partir das condições naturais, sem ter anteparo histórico, Freire manifesta que “cedo ou tarde, porém, o feitiço se desfaz, desfazendo também a esperança ingênua” que o alimentou. A prática precisa ser desenvolvida a partir de algo real. Freire sempre pautou que a postura do educador frente aos educando e ao mundo, deveria partir da realidade, seja em processos de alfabetização, na universidade ou junto aos movimentos sociais⁸.

Na ocorrência dessa falta de clareza sobre a prática, o teórico lança seus olhares aferindo a possibilidade desses educadores poderem contaminar-se com o seu veneno, pois “em lugar de negá-la, negam o papel mesmo da subjetividade na transformação da realidade, passando assim a engrossar as fileiras dos mecanicistas”.

E, mais, no horizonte, esse sujeito não faz a conexão da subjetividade e da objetividade.

No fundo, contudo, a experiência me vem ensinando quão difícil é fazer a travessia pelo domínio da subjetividade e da objetividade, em última análise, estar no mundo e com o mundo, sem cair na tentação de absolutizar uma ou

⁸ Por ocasião do Colóquio Internacional Paulo Freire em Recife (2013), PALHANO SILVA explicita: Paulo Freire, Educação Popular e Movimentos Sociais possuem sintonias com a educação da classe trabalhadora, em especial, uma educação marcada pela prática da liberdade. Já se passaram 50 anos da ação educativa coordenada por Paulo Freire em Angicos – RN, quando 300 camponeses foram alfabetizados, constituindo-se em um marco histórico na educação brasileira e na relação com os movimentos sociais. Paulo Freire manteve um profundo relacionamento com os Movimentos Sociais, tanto no exterior, como no seu regresso ao Brasil, com destaque para suas reflexões junto ao Movimento dos Sem Terra que incorporou e externalizou a pedagogia freireana. (PALHANO SILVA, 2013, p.1). Em dezembro de 1962, um grupo de universitários e outros estudantes, articulados por Freire identificou o universo vocabular da população de Angicos. No início de 1963, Freire realizou prática educativa alfabetizando 300 camponeses em 40 horas. Germano descreve: “Fazer com que os participantes aprendessem a ler e escrever e, ainda por cima, viessem a se politizar em 40 horas constituíam os objetivos gerais da experiência. Isso despertou grande curiosidade, motivo pelo qual Freire e os estudantes do Rio Grande do Norte correu o mundo”. (GERMANO, 1997, p. 389). Percebo haver uma articulação nas categorias teóricas e no método utilizado por Freire nas práticas educativas desenvolvidas nas 40 horas de Angicos-Brasil, Genebra-Suíça, Guiné-Bissau e Moçambique-África.

outra. Quão difícil é, realmente, apreendê-las em sua elasticidade (FREIRE, 1976, 199).

No processo educativo é fundamental a desmistificação da conscientização. E para que isto ocorra, o sujeito educativo deve pensar: a sua prática, por mais nítido que apareça seus passos metodológicos aos nossos olhos; a realidade, por mais aparente e transparente que esteja as nossas mãos. O que encontra-se aparente, nem sempre revela a sua essência, nem conteúdo e resultado. E foi por exercitar de forma repetida, porém exercendo um constante pensar e repensar crítico a sua própria prática, como o movimento do ‘vai e vem das ondas do mar’ ou o ‘bailar das árvores’, que Freire denomina-se como ‘andarilho do óbvio’.

Nestes quatro anos em que, trabalhando para o Conselho Mundial de Igrejas me tornei uma espécie de “andarilho do óbvio”, venha sendo o da desmitificação da conscientização.

[...]

Nesta andarilhagem, venho aprendendo também quão importante se faz tomar o óbvio como objeto de nossa reflexão crítica e, adentrando-nos nele, descobrir que ele não é, às vezes, tão óbvio quanto parece (FREIRE, 1976, p. 119).

Um dos momentos que chama a atenção é especialmente, quando manifesta reafirmando que o fazer educação é um ato político e como tal não há prática com neutralidade. Métodos e técnicas, táticas e estratégia, estão a serviço de finalidades. São como cobras e camaleões (animais não citados pelo autor) que se apresentam conforme suas necessidades, suas vontades, tendo capacidade de “se fazem e se refazem”. (1976, p. 20). Educação e poder estão entrelaçados e se materializam nos rituais da sociedade.

5 Redução da conscientização

Antes de finalizar, Paulo Freire realça que também na América Latina, especialmente nos processos de alfabetização de adultos, métodos e técnicas foram ‘reduzidos’ a conscientização. Mas, alerta isso não é privilégio terceiro-mundista, pois o analfabetismo é um fenômeno humano.

Enquanto corpos conscientes, em relação dialética com a realidade objetiva sobre que atuam, os seres humanos estão envolvidos em um permanente processo de conscientização. O que varia, no tempo e no espaço, são os conteúdos, os métodos, os objetivos a conscientização (FREIRE, 1976, p.120).

Na práxis, ou seja, no olhar profundamente crítico de sua trajetória, ocorrer a hominização. Diz Freire “os seres humanos se fazem capazes de desvelar a realidade sobre que atuam, de conhecê-la e de saber que conhecem”. (FREIRE, 1976, p.120). O educador por pensar e poder redirecionar seus atos, é capaz de ter pensamento e prática com consciência. Não é que a consciência se forme com a prática, mas sim a partir da prática sempre refletida, como práxis.

Nessa arquitetura, Freire lança mão do traço fundamental que viveu na própria carne. Conversa sobre si: “E como um homem do Terceiro Mundo, eu bem sei o que representa o poder ideologicamente alienador dos transplantes a serviço da dominação. Não seria eu, que contra eles sempre estive, que hoje os defenderia (FREIRE, 1976, p.120).

Para o arremate, Freire nos brinda com dois toques sobre a prática: o primeiro, a presença da “burocratização da conscientização”. Ela atua realizando um papel precípuo: “Sua institucionalização que, esvaziando-a de seu dinamismo, esclerosando-a, termina por transforma-la numa espécie de arco-íris de receitas – outra forma de mitificá-la”. (1976, p. 120). Já o segundo diz respeito ao papel que se presta a sua fala. Se por um lado, é algo reflexivo de sua própria prática, marcada por incompletude, o “andarilho do óbvio” reconhece que sua fala cumpre seu papel: “provocar comentários e suscitar questões com que se ampliará”.

6 Convicções educativas que ganharam o mundo

Ao final, externaliza aos presentes a sua convicção e aprendizado educativo que emergiram da prática educativa no nordeste brasileiro e que ganharam o mundo:

Ao fazê-lo, direi apenas que o aprendizado que venho tendo nesta Casa e a partir dela, em nada diminuiu as convicções básicas com as quais iniciei, bem jovem ainda, as primeiras experiências em meu país. Convicções de um cristão em permanente estado de busca. Pelo contrário, este aprendizado as

reforçou. E as reforçou sobretudo quando me ajudou a superar a visão mais ingênua pela visão mais crítica de certos problemas, em face do desafio que novas realidades humanas me provocaram (FREIRE, 1976, p.120).

O andarilho da educação dialógica no artigo “**Algumas notas sobre conscientização**” nos mostra a ‘proeza de ensinar’ e ‘aprender no ato de ensinar’, ‘apreendendo ensinando’ no cotidiano das práticas educativas de salas de aulas, conferências, andanças educativas pelo mundo. Temos a certeza, o educador da utopia possível, Paulo Reglus Neves Freire, nos alimentar com a sua força amorosa que expressou para a platéia em Genebra.

Paris, 24 de outubro de 2015.

Paulo Roberto Palhano Silva

An educational look: "Some notes about awareness" of Paulo Freire

Abstract. This article aims to cast a glance at "Some notes on awareness" of Paulo Freire, doing a reading aiming understand it in its nuances. The writing of the author has included in his classic work 'Cultural Action for Freedom' bringing various theoretical categories, such as the 'dialogue', the 'awareness', which are delicately analyzed by the author in his masterpiece, including looking for this exercise from its educational practice. The educator was born in northeastern Brazil and revolutionized education, initially becoming known to youth and adult literacy method, and in a special way, for their educational practice and extensive work in the educational field. To do this, we take the text in its entirety and were analyzing step by step, providing opportunities for the reader a nice critical reading, written and presented by the author when he was working in Geneva - Switzerland.

Keywords. Education. Awareness. Educational Field.

Un mirar educativo: "Algunas notas acerca de la conciencia" de Paulo Freire

Resumen. En este artículo se pretende echar una mirada al "Algunas notas sobre la conciencia" de Paulo Freire, haciendo una lectura con el objetivo entender que en sus matices. La escritura del autor ha incluido en su obra clásica 'Acción Cultural para la Libertad' trayendo diversas categorías teóricas, como el "diálogo", la "conciencia", los cuales son analizados con delicadeza por el autor en su obra maestra, incluyendo la búsqueda de este ejercicio a partir de su práctica educativa. El educador, nació en el noreste de Brasil y revolucionó la educación, en un principio a ser conocido con el método de alfabetización de jóvenes y adultos, y de una manera especial, por su práctica educativa y un extenso trabajo en el campo

de la educación. Para ello, tomamos el texto en su totalidad y analizábamos paso a paso, proporcionando oportunidades para el lector una lectura crítica agradable, escrita y presentada por el autor cuando estaba trabajando en Ginebra - Suiza.

Palabras clave. Educación. La conciencia. Campo de la educación.

Referências

FREIRE, Paulo. Algumas notas sobre conscientização. In: **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

_____. **Cartas a Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1978.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto. **MST, HABITUS E CAMPO EDUCACIONAL: Plantando as sementes de uma educação libertadora**. Natal, UFRN (Tese), 200

_____. **Educação popular e movimentos sociais: a incorporação e externalização da pedagogia freireana**". *Colóquio Internacional Paulo Freire* (2013). Recife, UFPE, Instituto Paulo Freire: Web. 27 Dez. 2015. Acesso: <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/view/431/386>.

GERMANO, José. **As quarenta horas de Angicos**. Educação e Sociedade, ano XVIII, no. 59, agosto, 1997. Acesso on line: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301997000200009&script=sci_arttext.

Recebido em janeiro de 2016.

Aprovado em maio de 2016.